

issn: 2176-5960



Προμηθεύς
journal of philosophy

n. 35 January/April 2021



**A VIDA DOS CÉSARES, POR FULGÊNCIO, O MITÓGRAFO:
TRADUÇÃO ALIPOGRAMÁTICA DO LIVRO XIV DA *DE
AETATIBUS MUNDI ET HOMINIS***

Cristóvão José dos Santos Júnior¹

RESUMO: Esta é a primeira tradução para a língua portuguesa do último Livro do mais antigo lipograma atestável. A obra se trata da *De aetatibus mundi et hominis*, uma composição escrita na Antiguidade Tardia e atribuída a Fábio Planciades Fulgêncio, o Mitografo. Em seu Livro XIV, ora traduzido, é retratada a vida do Césares sem o uso de unidades lexicais que apresentem a letra ‘o’. Ademais, a proposta tradutória foi elaborada a partir da edição crítica estabelecida pelo filólogo latinista Rudolf Helm (1898). Note-se, por fim, que a conformação lipogramática não foi mantida no texto de chegada, visto que, neste momento, nosso objetivo é desenvolver uma versão que permita um acesso mais fluido ao conteúdo temático do escrito de partida.

PALAVRAS-CHAVE: Césares. Fulgêncio. Antiguidade Tardia. Lipograma. Escrita Constrangida.

ABSTRACT: This is the first translation into Portuguese of the last Book of the oldest attestable lipogram. The work is *De aetatibus mundi et hominis*, a composition written in Late Antiquity and attributed to Fabius Planciades Fulgentius, the Mythographer. In his Book XIV, now translated, the Caesars' life is depicted without the use of lexical units that present the letter 'o'. Furthermore, the translation proposal was elaborated from the critical edition established by the Latinist philologist Rudolf Helm (1898). Finally, it should be noted that the lipogrammatic conformation was not maintained in the arrival text, since, at this moment, our goal is to develop a version that allows a more fluid access to the thematic content of the starting text.

KEYWORDS: Caesars; Fulgentius. Late Antiquity. Lipogram. Constrained Writing.

¹ Doutorando e mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: cristovao_jsjb@hotmail.com.

A *De aetatibus fulgenciana*

Ainda são escassos, no Brasil, os estudos sobre a Antiguidade Tardia. Nesse sentido, é perceptível que muito já se empreendeu acerca do período Clássico, havendo, contudo, uma lacuna acerca da época em que se insere o escritor ora examinado. Fábio Placíades Fulgêncio diz respeito a um autor norte-africano que teria vivido sob dominação vandálica entre os séculos V e VI, não estão disponíveis, concretamente, muitas informações seguras para o conhecimento de sua biografia. Assim, seus estudiosos se utilizam de alusões de outros autores, citações, elementos estilísticos, dados linguísticos e referências intratextuais. Quanto a isso, destaca-se o estudo tradutório do prólogo do Livro I das *Mythologiae* (*Mitologias*), realizado por Martina Venuti (2009 e 2018). De fato, os prólogos das composições de Fulgêncio são bastante ricos em informações, muitas direcionadas para a sugestão de um cenário sócio-político conturbado, o que pode ser, consoante assevera Hays (2003), apenas topos literário.

Em realidade, não apenas o autor em comento é alvo de sensíveis controvérsias, como também sua própria fortuna textual. Nesse sentido, a transmissão dos escritos fulgencianos foi marcada por eventuais misturas de algumas de suas obras a outras atribuídas ao homônimo Fulgêncio Ruspense, o Bispo. A partir desse processo, emergiu a hipótese singularista, segundo a qual haveria um único Fulgêncio. Essa perspectiva resta atualmente superada, de modo que prevalece a hipótese separatista, que considera a existência de dois Fulgêncios diversos. Assim, o autor da *De aetatibus* é muito conhecido pelo epíteto de Mitógrafo, tanto em virtude da significativa repercussão de suas *Mythologiae*, quanto em razão da busca por diferenciá-lo do aludido homônimo (SANTOS JÚNIOR, 2019)².

Nosso compositor foi recentemente resgatado por alguns estudiosos brasileiros, sendo um nome ainda pouco conhecido em terreno pátrio. A crítica costuma lhe creditar a realização de quatro obras, intituladas *Mythologiarum libri tres* (*Os três livros das Mitologias*), *Expositio Virgilianae continentiae* (*A exposição dos conteúdos de Virgílio*), *Expositio sermonum antiquorum* (*A elucidação de palavras antigas*) e *De*

² Um estudo mais detalhado dessa problemática filológica foi realizado, em língua portuguesa, por Cristóvão Santos Júnior (2019) no artigo *O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios*, disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>>.

aetatibus mundi et hominis (*Das idades do mundo e da humanidade*)³. Os três primeiros desses escritos já foram objeto de tradução para a língua portuguesa, respectivamente por José Amarante (2019), Raul Moreira (2018) e Shirlei Almeida (2018)⁴. Sendo assim, a única obra atribuída a Fulgêncio que ainda não foi explorada em uma proposta tradutória é justamente a *De aetatibus*, que está sendo presentemente investigada.

Nesses termos, é importante observar, antes de tudo, que a composição ora traduzida se trata do mais antigo lipograma atestável, seguindo-se a dicção do concretista Georges Perec (OULIPO, 1973). Tal literato – que se notabilizou pela escrita do lipograma francês *La Disparition*, traduzido sob o título *O Sumiço*, por Zéfere (2015) – afirma que a *De aetatibus* é a mais antiga composição em que se pode concretamente apreciar seu arranjo lipogramático. Nesses termos, embora se costume mencionar a existência de lipogramistas pretéritos ao Mitógrafo – como Píndaro, Partênio de Niceia, Nestor de Laranda, Trifiodoro e Laso de Hermione – somente se demonstram supérstites breves fragmentos de Hermione (OULIPO, 1973)⁵.

Compreende-se por lipograma uma modalidade de escrita constrangida em que seu autor evita o emprego de unidades lexicais que contenham uma determinada letra. Assim, a *De aetatibus* diz respeito a um lipograma consecutivo em que se evita, de modo sequenciado, o uso de vocábulos que apresentem as 14 letras iniciais do alfabeto líbico-latino de Fulgêncio⁶. Desse modo, o tecido lipogramático foi confeccionado ao

³ A produção fulgenciana costuma ser referenciada abreviadamente: *Mythologiae* para *Mythologiarum libri tres*; *Continentiae* para *Expositio Virgilianae continentiae*; *Sermonum* para *Expositio sermonum antiquorum*; e *De aetatibus* para *De aetatibus mundi et hominis*.

⁴ Além desses pesquisadores, é digno de atenção o trabalho desenvolvido, no Brasil, por Marcos Martinho Santos (2016), que desenvolveu um estudo de interferências das *Mitologias* na *Genealogia* de Giovanni Boccaccio. Ademais, deve-se sublinhar que os textos de Fulgêncio já foram traduzidos para idiomas estrangeiros. Quanto a isso, as *Mythologiae* possuem uma versão para o inglês, empreendida por Leslie Whitbread (1971) e outra para o francês, efetuada por Étienne Wolf e Philippe Dain (2013), além de traduções parciais em italiano de seu prólogo por Martina Venuti (2009 e 2018), de determinados excertos por Ferruccio Bertini (1974) e de trechos poéticos por Silvia Mattiacci (2002). A *Continentiae* ostenta traduções para o inglês, propostas por Whitbread (1971) e Zanlucchi (vd. AGOZZINO, 1972), para o italiano, desenvolvida por Fábio Rosa (1997), para o francês, feita por Étienne Wolff (2009), e para o espanhol, realizada por Valero Moreno (2005). A *Sermonum* já foi alvo de tradução para o inglês por Whitbread (1971) e para o italiano por Ubaldo Pizzani (1968). A *De aetatibus*, finalmente, só apresenta uma tradução para o inglês de Whitbread (1971) e outra para o italiano de autoria de Massimo Manca (2003).

⁵ Outras informações concernentes à tradição de escrita constrangida podem ser apreciados no artigo de Cristóvão Santos Júnior (2019) intitulado *Rastros da Tradição Literária Experimental*, disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>>, e no artigo *Elementos da Tradição Palindrômica Antiga*, empreendido por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2019), disponível em <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/12287>>.

⁶ Seguindo as leituras de Whitbread (1971) e Manca (2003), o alfabeto utilizado por Fulgêncio apresenta 23 letras, sendo semelhante ao nosso hodierno de língua portuguesa, com a omissão da letra ‘w’ e das ramistas ‘j’ e ‘v’.

longo das 14 seções que integram a obra, de forma que as letras evitadas vão de ‘a’ a ‘o’, o que pode sugerir a oposição teológica entre o alfa e o ômega, enquanto início e fim dos tempos. Deve-se atentar, todavia, para o fato de que essa perspectiva não se demonstra unívoca, considerando que grande parte de seus comentadores defende que o Mitógrafo objetivava empregar todas as grafemas de seu alfabeto, conforme ele mesmo parece sugerir no prólogo. Nesse sentido, muitos estudiosos consideram que essa obra estaria incompleta ou, até mesmo, inacabada, sopesando, até mesmo, o caráter abrupto do desfecho da narrativa com uma breve referência a Valentiniano, algo que o próprio leitor poderá apreciar mais adiante.

Diferentemente do ocorrido no lipograma francês *La Disparition*, em que somente a letra ‘e’ é suprimida, são omitidos, na *De aetatibus*, 14 diferentes grafemas, sendo suprimida uma determinada letra em cada um de seus 14 Livros. Tal feito acaba por engendrar uma notável riqueza estilística, considerando que o desafio lipogramático se modifica em cada unidade. É, por óbvio, muito mais árduo escrever sem empregar a letra ‘a’ (Livro I) do que fazê-lo sem adotar vocábulos que apresentem registro em ‘k’ (Livro X). Isso promove uma oscilação poética significativa no decorrer do escrito fulgenciano, assinalado pela utilização de um conjunto de estratégias direcionadas a atender a seu paradigma constritor.

O mais interessante é que o cultivo da poética lipogramática parece se aproximar do cerne temático da composição, em que se busca descrever as idades do mundo e do ser humano com fulcro em uma óptica moral cristã. Dessa maneira, a escrita sem as letras do alfabeto poderia estar articulada a uma mística religiosa referente à própria angústia de um homem medieval atravessado por uma perspectiva teocêntrica. É notável, pois, que o escrito em relevo ostenta não apenas relevância para a História da Arte, mas também para perquirições históricas, teológicas e filosóficas. Assim, Fulgêncio parte, na maioria de suas narrativas, das Escrituras Sagradas, tentando explorar poeticamente os períodos de existência humana. Somente a título de exemplo, no Livro II, é contada a história da Arca de Noé sem a letra ‘b’; no Livro III, é apresentado o mito da Torre de Babel sem a letra ‘c’; no Livro IV, é explorada uma passagem bíblica entre Abraão e Isaque sem a letra ‘d’; e, no Livro XII, é indicada a vida de Jesus Cristo sem a letra ‘m’⁷.

⁷ As traduções lipogramáticas dos Livros II, III, IV e XII já foram empreendidas por Cristóvão Santos Júnior (2019 e 2020) nos trabalhos seguintes: *Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da De aetatibus mundi et hominis*, disponível em

O Mitógrafo se valeu de metonímias, supressões, circunlóquios, metáforas, antonomásias, perífrases, grecismos e arcaísmos, a fim de manter a estrutura formal de sua composição. Dessa maneira, seu lipograma assumiu um perfil linguístico deveras singular, estando assinalado por uma relativa nebulosidade, associada a um inusual rebuscamento. Nesse vértice, a alternância do registro discursivo adotada por Fulgêncio favoreceu a aproximação por Hays (2019) de seu estilo à antiga técnica conhecida por *spoudaiogeloion*, em se são misturados elementos formais com outros de ordem mais banal ou cômica, como já observável na obra *As Rãs* de Aristófanes.

Meditando acerca de nossa empreitada tradutória, o estilo fulgenciano se revela objeto de algumas tensões. Nesses termos, é observável que uma tradução similarmente lipogramática poderia ampliar a referida obscuridade linguística, de modo que o leitor se veria ainda mais desafiado quanto ao processo de interpretação textual. Além disso, o uso de variados malabarismos retóricos poderia acarretar em um sensível afastamento do tradutor do escrito de partida, o que poderia gerar alguns prejuízos, a depender da intenção do leitor.

No campo dos Estudos Clássicos e Medievais, há uma tendência a se valorizar, na tradução, a estrutura textual plasmada na versão latina, sendo, até mesmo, corriqueira a elaboração de edições bilíngues que coloquem lado a lado o texto de partida e o texto de chegada. Isso se deve em grande parte ao fato de que os especialistas dessas áreas também se utilizam de traduções e, muitas vezes, buscam trabalhos que permitam um mais imediato acesso ao conteúdo temático das edições adotadas pelo tradutor. Assim, é possível que – para um público mais especializado e menos interessado em uma elaboração tradutória de teor poético-constritor – seja mais interessante a leitura de uma tradução alipogramática, conforme as realizações estrangeiras de Leslie Whitbread (1971) e de Massimo Manca (2003).

Por outro lado, o registro estilístico restritivo da *De aetatibus* diz respeito a um testemunho muito relevante tanto por sua antiguidade quanto pela tradição à qual se vincula. Desse modo, também se evidencia proveitosa a realização de uma tradução

<<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>>; *Fulgêncio sem a letra 'c': tradução do Livro III do lipograma De aetatibus mundi et hominis*, disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/26021>>; *Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano*, disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>>; e *A vida de Jesus Cristo sem a letra 'm', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro XII do lipograma De aetatibus mundi et hominis*, disponível em <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>>.

lipogramática, muito embora isso ainda não tenha sido objeto de realização por outros tradutores.

Nesses termos, o presente projeto se desenvolve com o fim de ofertar para o público duas traduções diversas do escrito fulgenciano, uma lipogramática e outra alipogramática. Assim, ao término de nosso trabalho, o leitor poderá inclusive confrontar nossas duas propostas.

Por fim, merece ser sublinhado que a seção ora traduzida diz respeito à última unidade da *De aetatibus*, marcada, como já sinalizado, pela supressão da letra ‘o’. Nessa parte, o Mitógrafo narra a história dos Césares romanos conduzido por sua óptica religiosa, indo desde líderes pagãos a imperadores cristãos.

Texto de partida latino

Nunc etiam Caesarum uitas instituam et principum atque augustae magnitudinis stemmata libris currentibus edicamus necesse est. Primus igitur Caesar, unde et imperiale cepit initium, uniuersae terrae detinuit principatum; suffragabatur etenim huius felicitati diuina natiuitas, cui etiam uniuersas inuincibiles uincere licuit causas. Qualiter enim ab huius imperiis libera existeret uniuersitas, sub cuius regnum nasci dignata est deitas. Primus namque uniuersae terrae limites imperiali maiestate subiecit, Britannicas ultra mare Atlanticum sitas insulas mira felicitate repressit, Actiacae pugnae certamine triumphans exstitit atque Aegyptiacam superatam reginam lactandas praebere mammas serpentibus persuasit. Dictaturam perpetuam sellamque auream primus in urbem aut habuit aut inuenit. Iani belligeri limina perenni securus clusura damnauit. Ultra Indicas latebras suae magnitudinis imperium duxit. Et ne quippiam reliquum remansisset, mundum sicut marinis terminatur amfractibus describendum censendumque mandauit. Haec sunt tua Deus secreta misteria, haec sacrae natiuitatis munera sempiterna; neque enim decebat illum regnandi habere participem, quem in tua natiuitate decreueras regem, ut Deus principium Cesari et Cesar principium fieret mundi. Denique ut haec clarius manifestasset diuinitas, inspice quid deinceps sequitur. Videsne eneruatum in aliis ultra imperium et lasciuenti desidia in sequentibus deinceps [p. 177 Helm] putrefactum? Da Calligulam aureis piscantem retibus funibusque purpureis; da Caesareanae turpitudinem stirpis, ubi ille madidus princeps, entheca sceleris, qui uirum quem male acceperat perdidit [et] mulierem quam iuste meruerat sumsit, regnum criminibus maculauit, et quid turpius aut uellet aut faceret, nisi ut

gravidata ranunculis uiscera turgescenti dissilientia rugitu intestinis etiam crepitantibus — nihil amplius quam perennem saeculis fabulam peperit criminis. Exhinc iam luxu perfracta uirtus relanguit rigidaue seueritas deliciis accedentibus tepefacta migravit. Tamen nequaquam in cunctis Augustis huiusque cladis tabes inrepsit. Fuere igitur uarii quibus et uirtus interrita inerat et animi cura uigilanti cautella referuerat. Nam Vespasianus Iudaicae uindex nequitiae, quem suae Christus iniuriae elegerat uindicem, ipse Israheliticam cladem finem usque perduxit et nequaquam iam ultra de captiuitatis ergastulum redituram perenni exulatu damnauit. Hic itaque Hebream aduersus Deum calcitrantem nequitiam execrandae famis exitu terminans illam usque miserabilitatem perduxit, ut lacteis dependentem uberibus natum ieiunae matris faceret prandium et quae insensibilis suis catulis nequaquam ingerit fera, illud mater suis uisceribus faceret efferata. Quae sunt ista, Deus meus, te irascente permissa bellica crimina, ut fames naturae federa uinceret et mater de suis uisceribus ieiuna pranderet. Sed [p. 178 Helm] iusta haec diuinitatis in rebellibus fuerat pena. Quam enim Iudea patientiam haberet in filiis, quae suam salutem usque ad patibulum perduxerat crucis; et quae carnem filii Dei accipere spreuit, sui carnes filii suis epulis praeparauit. Cerne enim quia quinque panibus saturata quinque milia ante deriserat et nunc — tantum uitae reliquum — filii carnes esuriens praelambebatur. Primum etiam Iudaicus princeps dum Christum quaerit infantes interimit, ast hic secundus dum Christum ulciscitur parentum mandibulis infantes addixit. Quid referam Aureliani in Deum tumentem inuidiam unius miraculi effectibus delinitam. Namque dum miles <...>, densatur aer, crassescunt nebulae, ignis ipse etiam, si credi fas est, aquas didicit parturire. Perdit ignis naturam in imbrem migratus, desudat humectus in radiis Febus, et ut diuinitas imperauit, flamma etiam pluuere didicit atque in suis incendiis guttas habere se repentinas expauit. Discat itaque pagana duritia quia nec elementis licet suam uindicare naturam, quam Christianus tenet in suum uelle captiuam. Denique una pluuiiae unda et arida sitientum ieiunia et pagani persequentis humidata est flamma. Iam enim aduersus Christianam fidem sacra ediderat, penas infixerat et cruciatus martyrum decretis publicis titularat. Quas tua pluuia, Deus, imbre faculas extinxit, et una eademque sententia imperialis censura infringitur, militaris ariditas saturatur. Quid referam placidum Neruam felicemque Traianum et primum Christianis meritis Augustalia insignia iungentem geminum Philippum. Praetermittam necesse est Iuliani tirannicam rabiem in Dei ecclesias tempestiuus incursibus fluctuantem, dum Iudeis iam recuperandi templi facultas tribuitur et simulacrum Veneris templis asciscendum adfertur. Sed et Iudeis flamma uibratis

crispata uerticibus cementa muris adlata disparsit et uestibus crucis characteriaca signacula figurauit; Veneris etiam transitum Babylae martyris praesentia interdixit. Valentinianus militare cingulum spernit et imperii diadematis munus excipit.

Texto de chegada em língua portuguesa

Agora, então, disporei sobre as vidas dos Césares e é necessário que anunciemos, nos livros correntes, as árvores genealógicas dos príncipes e da augusta magnitude⁸. Primeiramente, portanto, César, de onde partiu o imperial princípio, deteve o comando de toda a terra⁹.

De fato, a divina natividade propiciou sua fortuna, a quem também foi lícito vencer todas as causas invencíveis. De que modo, então, o universo existiria livre de seu império, sob cujo reino a Divindade foi reputada digna de nascer?

Primeiramente, em verdade, ele subjogou os limites de todas as terras à majestade imperial, reprimiu as ilhas britânicas situadas além do mar do Atlântico com um êxito admirável, declarou-se triunfante quanto à batalha de Ácio e persuadiu a derrotada rainha egípcia a oferecer os seios para as serpentes a serem amamentadas¹⁰.

Primeiramente, ele possuiu ou encontrou, em Roma, a perpétua ditadura e o trono áureo. Seguro, condenou as portas do beligerante Jano à perene clausura. Comandou o império de sua magnitude além dos confins das Índias. E, para que não remanescesse qualquer resto, ele mandou que o mundo fosse delineado e estimado, assim como é delimitado por meandros marinhos¹¹.

Deus, esses são os teus mistérios secretos! Essas são as obrigações da sagrada natividade! De fato, não convinha àquele ter de reinar como um partícipe, quem, na tua natividade, tinhas decretado rei, para que Deus fosse poder para César e César fosse o poder do mundo. Em suma, para que aquela Divindade mais claramente se manifestasse, examine o que se segue.

Porventura, não vês o império enervado pelos outros e putrefato nos seguintes sucessores pela desídia inclinada à lascívia? Mostra-se Calígula pescador com redes áureas e cordas púrpuras; mostra-se a torpeza da estirpe de César, quando aquele

⁸ Consoante aponta Manca (2003), a forma efetivamente atestada é *stemata*, não *stemma*, como expõe a edição de Helm.

⁹ Manca (2003) sinaliza que a expressão *universa terra* é típica na Bíblia, aparecendo 89 vezes na *Vulgata*.

¹⁰ É interessante perceber o emprego da antonomásia “rainha egípcia” para mencionar Cleópatra, o que possibilita a conservação da estrutura lipogramática.

¹¹ Vide Lucas 2:1 – 2.

príncipe bêbado – arca do delito, que perdeu a virilidade que mal tinha herdado e assumiu a feminilidade que justamente merecia – maculou o reino com crimes. E o que, afora isso, mais torpe quereria ou faria se não isto¹²: que, engravidadas as vísceras rompentes das rãs, pelo rumor intestinal, também se fizessem ao inchaço crepitantes? Nada mais do que uma tragédia perene de culpa gerou por séculos. Depois, já despedaçada pelo luxo, a virtude empalideceu, e a rígida severidade, arrefecida pelos prazeres consentidos, emigrou.

Todavia, de nenhum modo a decomposição da desventura irrompeu em cada um de seus Augustos. Existiram, então, vários em que tanto a virtude se encontrava destemida, como o cuidado da alma ardia pela vigilante cautela. Na realidade, o próprio Vespasiano – vingador da iniquidade judaica, quem Cristo tinha eleito vingador de sua injúria – conduziu a desventura israelita até os confins e, de nenhum modo já retornada ao trabalho forçado da escravidão, a condenou ao exílio. Este, portanto, acabando com a iniquidade hebraica, recalcitrante em face de Deus, com o efeito da execrável fome, conduziu-a a tal miserabilidade, de forma que se tornasse alimento de uma mãe jejuna o filho dependente de seus lácteos seios, e as coisas que uma fera insensível de modo nenhum ofereceria a seus filhotes, a mãe – selvagem – ofereceria às suas vísceras.

Meu Deus! Que crimes bélicos são esses por ti permitidos por causa da tua ira, de modo que a fome venceu as leis da natureza e a mãe jejuna comeu de suas vísceras! Mas esta justa pena tinha sido da Divindade para os rebeldes.

De fato, qual obediência teria a Judeia quanto aos filhos, a qual portaria sua salvação até o patíbulo da cruz? Ela rejeitou acolher a carne do filho de Deus e preparou as carnes de seu filho para seu banquete.

Observe, então, que ela havia antes escarnecido os cinco mil saciados com cinco pães e, agora, tanto resta da vida que provava faminta as carnes do filho¹³. Primeiramente, portanto, procurando Cristo, um príncipe judaico matou crianças, mas agora, vingando Cristo, o segundo príncipe vendeu as crianças às mandíbulas dos pais.

O que eu registraria a respeito da soberba inveja de Aureliano a Deus, seduzida pelos efeitos de um único milagre¹⁴? Certamente, enquanto o soldado[...]¹⁵, o ar se

¹² Segundo Manca (2003), a forma *vellet* é creditada ao crítico Reifferscheid, tendo em vista que as unidades lexicais devidamente atestadas são *bellat* (PRT) e *bellati* (S).

¹³ Vide Mateus 14:19 – 21.

¹⁴ Vide Mateus 2:16.

¹⁵ Para a colmatação da lacuna, Helm sugere o complemento *ieiunia queritur* (“lamenta os jejuns”).

adensa, as nuvens tomam peso, e também o próprio fogo, se é justo crer, aprendeu a parir as águas.

O fogo perde a natureza, migrado na chuva, Febo destila a umidade em raios e, como a Divindade ordenou, também a chama aprendeu a chover e, em seus incêndios, temia ter gotas repentinas. E assim a dureza pagã aprenderia que nem aos elementos é lícito reivindicar sua natureza, que o cristão conserva cativa em seu querer. Em suma, com uma só onda de chuva, tanto os áridos jejuns dos sedentos como a chama do pagão perseguidor foram umidificados.

Já tinha, decerto, preparado sagradas celebrações quanto à fé cristã, havia infligido penas, e a tortura dos mártires foi estabelecida por decretos públicos. Estas tochas, Deus, a tua chuva, pelo temporal, extinguiu, e, com uma mesma sentença, a censura imperial é rompida, a aridez militar é satisfeita.

O que eu registraria do plácido Nerva, do fortunado Trajano e do símile Felipe, que primeiramente aos méritos cristãos as insígnias de Augusto vinculam? É necessário que eu deixe de fora a tirânica raiva de Juliano, flutuante às igrejas de Deus, com tempestivas incursões, no momento em que já é atribuída aos judeus a faculdade de recuperar o templo, e uma estátua de Vênus é levada, a ser recebida nos templos. Mas a chama, agitada em seus vértices vibrantes, dispersou, nos muros dos judeus, o cimento e desenhou sinais da cruz nas vestes. E assim a presença do mártir Bábilas impediu o transporte de Vênus.

Valentiniano rejeita o cingulo militar e recebe o encargo por meio do diadema imperial.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri/SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

AGOZZINO, Tullio. *Secretum quaerere veritatis. Virgilio, vates ignarus nella Continentia Virgiliana*, in *Studi classici in onere di Quintino Cataudella III*. Catania: Università di Catania, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1972, pp. 615-630.

ALMEIDA, Shirlei. *A 'Expositio Sermonum Antiquorum', de Fulgêncio, o Mitógrafo: estudo introdutório, tradução e notas*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) PPGLitCult, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

- AMARANTE, José. *O livro das Mitologias de Fulgêncio: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã*. Salvador: Edufba, 2019.
- BERTINI, Ferruccio. *Autori latini in Africa sotto la dominazione vandalica*. Genova: Tilgher, 1974, pp. 131-145.
- FÉRES, J. *Entre La Disparition e o Sumiço de Georges Perec: Tradução acompanhada de 25 a 26 notas do tradutor*. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015
- FULGENTII, Fabii. *Opera*. Edição de Rudolf Helm. Lipsiae: Teubner, 1898.
- HAYS, Gregory. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. *The Journal of Medieval Latin*. n. 13, 2003.
- HAYS, Gregory. A World Without Letters: Fulgentius and the De aetatibus mundi et hominis *The Journal of Medieval Latin*, v 29, 2019, pp. 303 –339.
- MANCA, Massimo. *Le età del mondo e dell'uomo*. Allessandria: Edizioni dell'Orso, 2003.
- MATTIACCI, Silvia. 'Divertissements' poéticos tardoantichi: i versi di Fulgenzio Mitografo, *Paideia* 57, 2002, pp. 252-280.
- MOREIRA, Raul. *A "Exposição dos conteúdos de Virgílio", de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) PPGLitCult, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- OULIPO. *La littérature potentielle: Créations, Re-créations, Récréations*. Paris: Gallimard, 1973.
- PEREC, Georges. *La Disparition*. Paris : Denoël, 1969.
- PEREC, Georges. *O sumiço*. Tradução de Zéfere. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PIZZANI, Ubaldo. *Fulgenzi: definizione di parole antiche*. Roma: Ateneo, 1968.
- ROSA, Fabio. *Fulgêncio: Commento all'Eneida*. Milano-Trento: F. R., 1997.
- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Rastros da tradição literária experimental. *Estudos linguísticos e literários*, n. 62, p. 130-147, 2019. doi: 10.9771/ell.v0i62.30441. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>.
- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios. *Tabuleiro de Letras*, v. 13, p. 208-226, 2019. doi: 10.35499/tl.v13i2.6976. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>.

- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*. *Percursos linguísticos*, v. 9, p. 101-119, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>.
- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano. *A Palo Seco: Escritos de Filosofia e Literatura*, n 12, p. 90-94, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>.
- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. Fulgêncio sem a letra ‘c’: tradução do Livro III do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. *Belas Infieis*, v. 9, n. 1, p. 243-249, 2020. doi:10.26512/belasinfeis.v9.n1.2020.26021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/26021>.
- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão. A vida de Jesus Cristo sem a letra ‘m’: tradução do Livro XII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. *Phaos: Revista de Estudos Clássicos*, n. 20, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>.
- SANTOS JÚNIOR, Cristóvão; AMARANTE, José. Elementos da tradição palindrômica antiga. *Afluente*, v. 4, p. 195-213, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/12287>.
- SANTOS, Marcos Martinho. *Les références aux Mythologies de Fulgence dans la Généalogie des dieux païens de Boccace*. In: Casanova-Robin, H.; Longo, S. G.; La Brasca, F. Boccace humaniste latin. Paris: Classiques Garnier, 2016. pp. 251-280.
- VALERO MORENO, Juan Miguel. La Expositio Virgiliana de Fulgencio: poética y hermenéutica. *Revista de poética medieval* 15 (2005), pp. 112-192.
- VENUTI, Martina. *Il prologo delle Mythologiae di Fulgenzio: Analisi, traduzioni, commento*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Università degli Studi di Parma, Parma, 2009.
- VENUTI, Martina. *Il prologus delle Mythologiae di Fulgenzio*. Introdução, texto crítico, tradução e comentário. Napoli: Paolo Loffredo Iniziative Editoriali s.r.l., 2018.
- WHITBREAD, Leslie. *Fulgentius, The Mithographer*. Ohio: State University Press, 1971.
- WOLFF, Étienne; DAIN, Philippe. *Fulgence, Mythologies*. Villeneuve d’Ascq: Septentrion Presses Universitaires, 2013.
- WOLFF, Étienne. *Fulgence, Virgile dévoilé*. Villeneuve-d’Ascq : Presses Universitaires du Septentrion, 2009.